

ALGUMAS CIVILIDADES DURÁVEIS:¹ ENTRE FEIJOADA E *FICELLE PICARDE*²

Christian Azais*

“Oropa, França, Bahia”

De Sylvia, há muito tempo que várias amigas de Aix-en-Provence, estudantes, na época como eu, na Université de Provence, me falavam. Os acasos da vida fizeram com que bem mais tarde, e mais longe, a conhecesse. De fato, me lembro daquele dia em que Sylvia, há pouco tempo desembarcada naquela Universidade tropical do Nordeste do Brasil, vinha nos falar de identidade, nos confessar seu pouco entusiasmo pela noção de “representação”, muito na moda entre os sociólogos brasileiros no início dos anos 90, e tratar conosco, entre outros temas, de estética, de semiótica.

Seu trabalho sobre o “feio” e o “bonito”, em um país onde a população jovem, em conjunto com a mídia e o inconsciente coletivo, não tinha dificuldade para impor seus critérios de beleza, ecoava facilmente em nós. O descendente direto de colonos europeus, aquele que tem “bons” cabelos, ou seja, não crespos, que além do mais é loiro e de cor branca, tem mais chances de se dar bem, do que seu semelhante negro, índio ou mestiço. Sem ainda o saber, com suas palavras, Sylvia nos lembrava de *Macunaíma*, esse herói lendário da literatura brasileira, que nasce adulto e nunca tal se tornará, que faz duramente a aprendizagem da cidade depois de ter deixado sua dura (mas não para ele) vida nos campos.

Desde o início, o seu aprendizado do Brasil anunciava-se frutuoso. Tive o prazer e a tarefa pouco fácil, durante cinco dias, de traduzir suas intervenções e de constatar que a sua temporada empurrava, incomodava uma comunidade universitária um pouco fiel demais a uma leitura determinista do marxismo, porém pronta a ouvir

* Doutor, Université de Picardie Jules Verne, França.

Artigo recebido em 20 ago. 2004; aprovado em 16 nov. 2004.

outro discurso. As pessoas escutavam-na com respeito e até curiosidade, e as minhas então colegas, seduzidas por suas palavras, acabaram fazendo tese com sua orientação na Universidade de Pircadie, em Amiens.

O entusiasmo provocado pelo seu discurso foi o mesmo nas universidades em João Pessoa, em São Paulo, em Belém ou em Brasília, onde ela conseguiu estabelecer sólidas relações amigáveis e universitárias. Sua atração pelo Brasil, sua adoção pelo Brasil, poderia até dizer, a levou a concluir um acordo de cooperação com colegas arquitetas e urbanistas da Universidade de São Paulo. Todos reconhecem a riqueza de sua abordagem teórica e sua reflexão para pensar as cidades.

Um pouco mais tarde, ao pé da Torre Perret

Somos então vizinhos, não somente em Paris, como também em Amiens, vizinhos da catedral, da Torre Perret, da qual Sylvia me ensinou a amar a forma arquitetural e seu lado Nova York, à noite, quando está iluminada por uma luz de néon.

Sylvia lecionava Sociologia, e eu, Economia, e a idéia me veio – e, modéstia à parte, e me felicito por isso – de convidá-la a encerrar de maneira poética mais de dois dias de palestras onde se tratou das temáticas de trabalho, de território e um pouco de cidade. Aí também, ela surpreendeu, com sua linguagem; o público não está muito acostumado a isso. A cidade que ela nos apresentou era um lugar de paradoxos, de liberdade enquanto encontra-se historicamente encerrada dentro de uma fortaleza; os passantes – que só fazem passar – mas que, ao fazê-lo, roçam-se, freqüentam-se, evitam-se mas, mesmo assim, empurram-se. Sua amenidade ou agressividade recalcada funde-se em redes, em fluxos, como diriam os economistas, e refluxos. Visão poética e tão verdadeira desse entrelaço cada vez desfeito e feito de novo, lugar de eternas “civilidades passageiras”.

Depois, engajou-se no terreno predileto dos economistas e tratou conosco de um assunto que *nos toma a peito*: o valor. Ela nos

confessou ter “cometido” um texto “cidade, espaço e valores”. Em vez de tratar de pós-fordismo – como foi muitas vezes o caso ao longo das palestras – nos falou de pós-modernidade e nos levou até o terreno da estética, onde sempre se destacava. Também tinha o mérito de nos conduzir à “reflexão”, à lembrança de experiências vividas em baixo do sol, esculpidas no tempo e projetadas em direção a uma evolução, num “futuro otimista”, como Sylvia gostava de escrever. Seu pensamento, então, caminhava em direção a uma leitura do tempo, a um tempo longo, a uns tempos curtos, essenciais para nós pensarmos sobre o trabalho e o território. Eu me lembro daquele sábado de manhã, no mês de maio, em 1997, quando Sylvia me convidou para ouvir um dos seus colegas canadense, Pierre Boudon, nos ensinar que, longe de só ser geográfica, a territorialidade inscreve-se dentro de um tempo longo e de um tempo curto.

Essa simples constatação iria abrir para mim um rumo de pesquisa e me levar a uma reflexão que iriam sustentar as diversas contribuições de *Sociologues en ville*. Eu lembrarei mais precisamente, como economista cujo percurso foi muito impregnado das interrogações das ciências sociais, a de J.-M. Berthelot: “O território seria assim um tipo de operador permitindo que se associasse, na dimensão espacial dos fenômenos sociais, não de maneira retórica mas obedecendo ao rigor de uma abordagem de pesquisa, o universal e o singular”. Essa insistência sobre “a pluralidade das temporalidades espacializadas” nos chama para pensar o território na sua dupla inscrição do longo e do curto prazo.

Graças a Sylvia, mesmo que de maneira indireta, minha percepção de território ia assim evoluir e enriquecer aquela que costumam ter os economistas espaciais ou regionais. Os “agentes” não se reduzem a “autômatos”, sua conflitualidade está no centro da construção rica, por ser heterogênea, e múltipla do território.

O espaço, o território, a cidade, outros tantos objetos de estudo que, para Sylvia, eram convites para viajar. Só que para ela a viagem é problemática. Um medo ancestral a paralisava – seu percurso pela França ocupada assustaria mais de um – mas nem isso impediu-a de

atravessar o oceano Atlântico e o mar Mediterrâneo, com o desejo de saciar sua curiosidade por novidades, por algo diferente. Brasília, a cidade funcionalista fascinava-a; São Paulo, trapalhão efervescente, aterrorizava-a – o que não deixa de ser uma forma de fascinação(?) – e isso compreende-se, já que, na verdade, ela tem na sua frente o que outrora escrevera: “cada sociedade produz seu espaço” – no caso, um espaço caótico. Em Belém, cidade úmida, um tanto desordenada também, um passante empurrou-a e roubou-lhe alguns pequenos objetos. Não mostrará ressentimento; faz parte da aprendizagem do subdesenvolvimento, é a regra do jogo.

Sua viagem a Israel, muitas vezes adiada, é para ela a ocasião de maravilhar-se em frente a tantos belos sítios, mas nem por isso voltou prosélita. Com pouca inclinação para desviar-se de suas idéias, para sofrer a influência da moda, ela tem sobre o outro e sobre tudo que é diferente um olhar sem preconceitos. Sua inteligência das coisas e das pessoas marcará sua temporada na Université de Picardie, em Amiens, da mesma forma que marcou nossos colegas brasileiros.

Até muito breve, Sylvia. Enfim, já que somos vizinhos, não tenho muito com que me preocupar...

Notas

- ¹ Desculpa-me por plagiar tuas belas “civilidades passageiras”; só é a primeira vez; ao longo deste texto, terá outras!
- ² A *ficelle picarde* é um prato típico da região da Picardie, onde fica a cidade de Amiens. É um crepe recheado com queijo, presunto e cogumelos, assado no forno.